

A tese de Simeão dos Santos Bonfim

Guido Arturo Palomba

Raríssima tese médica recebeu a Associação Paulista de Medicina no mês de março passado. Trata-se da obra "Crises Enterálgicas na Tabes", de autoria do doutor Simeão dos Santos Bonfim, elaborada em 1919, a fim de obter o grau de Doutor em Medicina, pela cadeira de Clínica Médica, regida pelo professor Rubião Meira.

Simeão dos Santos Bonfim foi aluno da gloriosa Primeira Turma da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, vulto nobre e aureolado, cuja admirável obra, relida à distância de quase setenta anos (que completar-se-á em 30 de outubro próximo futuro), revela claríssimos e necessários ensinamentos, ainda que o tempo haja podido modificar alguns deles.

Ninguém ignora em nossos dias que a tabes causou grande inquietação na população e no meio médico, tal era a gravidade dos males dela originários. No mar revolto das ciências daqueles dias, onde não havia o auge dos recursos laboratoriais e terapêuticos hodiernos, o doutor Simeão, com invejável clarividência e espírito científico, anteviu benesses na aplicação da atropina nas crises enterálgicas.

Essa droga era usada pelos envenenados da Idade Média para produzir envenenamento obscuro e em geral prolongado, o que levou Lineu a denominar o arbusto da beladonna, de onde é



Santos Bonfim: primeira turma da Casa de Arnaldo...



...Autor da tese "Crises Enterálgicas na Tabes"

extraída, de Atropa Belladonna, de Atropo, a mais velha das Três Parcas, deusas que fiavam, dobravam e cortavam os fios da vida do homem.

O doutor Simeão dos Santos Bonfim desta droga se valeu para minimizar o sofrimento dos tábidos sob seus cuidados, usando-a em doses terapêuticas, como, aliás, é hoje largamente usado nas enterálgias, sejam lá quais

forem as suas etiologias.

A tese é um estudo profundo da Tabes, esse gigante enorme que tanto terror trouxe aos homens e á humanidade, que o ilustre médico tão bem soube esbravar, ajudando a combatê-lo nas suas variadas formas clínicas, mormente a que aflige as vísceras do abdome.

Divide-se em quatro capítulos. No primei-

ro, as algias dos órgãos abdominais, principalmente dos intestinos; o estudo da morbidez da moléstia, os meios de diagnóstico. No segundo, a sintomatologia do tábido, o período em que intervêm e as suas formas clínicas. No terceiro, a patogenia, exposta de forma clara, distinta e adequada. No último, vê-se o espírito iluminado do grande médico a apon-

tar caminhos terapêuticos para a grave doença, acendendo luzes em lugares até então não iluminados pela ciência que abraçou, propondo soluções e abrindo caminhos à época não percorridos. Neste mesmo capítulo, a inquebrantável fé do médico de escol que, consciente da gravidade do mal, mas sem esmorecer diante dele, não perde a certeza de que a ta-

bes "passará para a lista das moléstias históricas", como, aliás, passou!

Essa magistral tese tem ainda um outro sabor muito especial: se não bastasse o interessante assunto de que se ocupa, ou o fato de ter sido elaborada por ilustre médico da Primeira Turma da Casa de Arnaldo, ainda foi ela oferecida à Memória Histórica da Medicina pelo filho do ilustre doutor Simeão dos Santos Bonfim, nosso poeta maior, o Imortal Paulo Bonfim, homem cultíssimo, dedicado às belas-letas, às artes e a tudo quanto é nobre e súpero.

"Crises Enterálgicas na Tabes", com a doação (que veio acompanhada de fotografias raras), passa a fazer parte do patrimônio da Memória da Medicina em chão paulista, cujo acervo encontra-se reunido na Sala Dr. Duílio Crispim Farina, na sede da Associação Paulista de Medicina, à disposição de todos os que desejarem se abeberar do que é, a um só tempo, tradição, história e atualidade científica.

Simeão dos Santos Bonfim, Primeira Turma da Casa de Arnaldo; Paulo Bonfim, Poeta Imortal. Pai e filho, duas glórias. Em um, as reivindicações mais originais e objetivas no perímetro hipocrático; no outro, a beleza da imaginação criadora que o afeto amorosamente construiu. Mas, em ambos, a mesma essência existencial do homem culto e inteligente, a mesma grandeza e o mesmo vigor espiritual, que muito produz, agrada e permanece.

Mestres da M

* Dulcio Crispim Farina

Na rememoração reverente e justa, a Casa de Arnaldo, movida pelos altos ideais de Carlos da Silva Lacaz, mantém o culto perene das lidades, magnas figuras da Medicina Pátria. No centário do nascimento de doutos mestres da ciência e do humanismo ergue-se a pátina do tempo e surgem valores primaciais da arte esculpina. **Leões Torres**. As raízes da clínica médica inserem-se, engastam-se em José Maria Bontempo, ainda no primeiro Império, com seguimentos em escalares ascendentes com Torres Homem e Francisco de Castro, Miguel Couto e Miguel Pereira, aqui em nossa Piratininga alceados por Rubião Meira, fautor de escola onde vão eclodir Leões Torres e Jairo Ramos, inícios de fecunda messe de clínicos de nomeada, semiologia e diagnóstico, terapêutica condigna, lastros consequentes ao profundo conhecimento da fisiologia e anatomia patológica.

Bacharel pelo Colégio Pedro II, filho da egrégia escola de Santa Luzia, na antiga Corte, discípulo de Rocha Faria, plasmador de seu espírito clínico, terá andanças por Avaré, "médico, operador e parteiro" e diretor clínico da Santa Casa local, a realizar também necrópsias, essenciais para o apuro dos conhecimentos e para instruir laudos médicos-legais. Sedimentado, conhece o homem e a gente da terra paulista. Montado a cavalo, em visitas mais de uma vez longínquas, dezenas de léguas percorridas.

Espírito de escol, no desejo de evoluir e mais saber, em 1913 chega à capital onde o acolhe o ondestável e príncipe da cirurgia, fundador de nossa escola, o sempre presente Arnaldo Vieira de Carvalho que, textual, aponta-lhe o caminho: "entre para um laboratório, trabalhe e mostre do que o senhor é capaz. A caminhada, passadas de gigante, é conhecida, preparador voluntário de Parasitologia, a cargo de Emile Brumpt; preparador de Histologia de Alfonso Bovero; assistente efetivo de Clínica propedéutica, pela manhã, e à tarde, assistente voluntário de Haberfeld, na Anatomia Patológica.

Estuda e ensina, com raciocínio frio e lógico, na demonstração da verdade e no combate à desorientação e ao erro. Certa feita, em sociedade médica, discute caso de rim único, rim em ferradura, diagnóstico apenas pela palpação abdominal, diagnóstico que nesta modalidade era o sétimo da literatura mundial.

Consagra-se, adquire respeito. Dicoção perfeita, com sotaque ligeiramente carregado, com termos e modismos do dizer da Pátria Mãe, Portugal, alocuções e discursos curtos, precisos e lógicos, sem imagens de retórica.

Catedrático da Escola Paulista de Medicina, e seu diretor, seu máximo anelo, confessou: "aprender e transmi-

tir foi sempre um dos objetivos de minha carreira de médico; ser professor foi sempre o meu ideal, e por isso nenhum esforço poupei." Na Santa Casa, na Segunda Medicina de Homens, lugar, tenente de Rubião Meira, esplêndida e soube analisar ao chefe com fidelidade: "O Rubião tem uma fisionomia interessante, homem bonachão, mas de energia, quando as circunstâncias o solicitam." Traçou-lhe o esboço definitivo: "Rubião Meira, bondoso, afável, até, às vezes com certa boemia, mas ao mesmo tempo enérgico e persistente." Em verdade ambos confundem-se e estruturam em definitivo grande escola, reveladora de talentos.

Esculpia, desenhava bem e são de sua lavra seu próprio "ex libris" e do insigne mestre Raul Carlos Briquet, amigo, de empatias fraternas. Ligou-se ao prof. White, de Boston, também cultor dos esplendores da natureza que tanto amavam. Com Geraldo de Paula Souza e Vieira Marcondes, propugnou junto aos poderes públicos pelo desenvolvimento da educação física, responsável pela franquia da escola da Força Pública à mocidade paulistana. Participa, na pandemia gripal de 1918, na direção do hospital de emergência no Mackenzie College.

Na América do Norte, França e Inglaterra estadia em aculturações de monta com Dobkin, White, Levine, Wilson, Vasquez, no John Hopkins Hospital, Hospital Presbiteriano, na Universidade de Harvard, Massachusetts Hospital, Ann Harbor, e neste e mais aquele centro de investigação, a trazer também o primeiro eletrocardiograma aqui aportado. Apice de uma escola em 1935, recebe o prêmio Madame Durocher, com o ainda hoje clássico na literatura nacional, "Coração e Gravidez".

Clínico régio da melhor sociedade de um tempo, mestre e formador de escola, primaz de Cardiologia, diretor no Japão, esteta, artista, homem de prol, a viver na Consolação, nos antigos cháos da chácara da baronesa de Ramalho, a confinar com a rua Floribela, hoje Nestor Pestana e o antigo Velódromo Engrinaldava poucos momentos de descanso no cultivo de rosas, entre pitangas, cambucis, jambos, cambucás, araçás e cabeludas, agora raros frutos de um mundo quase extinto.

Imaginou o Hospital São Paulo, deixou-nos sua "Patologia Renal" e a lembrança-za de que neste Planalto de Piratininga passou, para ingressar na História da Medicina, um aristocrata que morreu como cavaleiro dos tempos dantanho, em disputas e saltos de um hipismo de "chevalier", sem medo e sem mácula.

Finou-se aos 58 anos para permanecer nos fastos da Arte de Hipócrates, enquanto existir o culto necessário para que sobreviva a Memória de um povo. **Heitor Annes Dias**, filho da antiga província de São Pedro, forja de lin-

delros, nos embates com os castelhanos, última trincheira, defesa da nacionalidade.

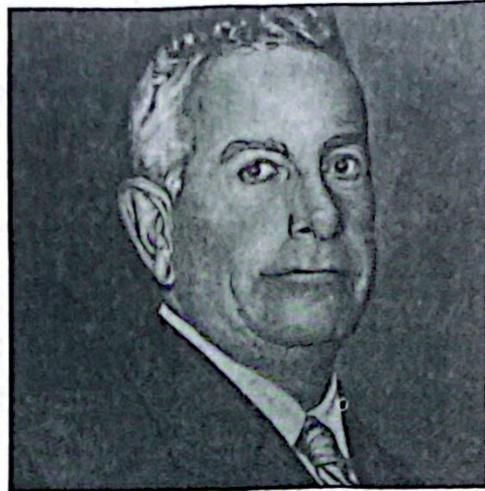
Mestre de Medicina Legal e Clínica Médica, em Porto Alegre e na Guanabara, Almeida Prado e Lacaz enalteceram, por méritos e justiça, seu espírito vanguardista, fazedor de um ensino alto com um encadeamento de doutrinas, com vasto lugar para o laboratório em suas produções, a obra "princeps", nove volumes de primorosas lições de clínica, em análises pertinentes de casos bem estudados, com uma perfeita recomposição fisiopatológica, e melhores indicações terapêuticas. Marcou época, no bem dizer de Carlos da Silva Lacaz: reformou os métodos de ensino na clínica, dava aos metabólicos o seu significado patogênico, emluçava os exames de laboratório, estabeleceu o ensino das doenças da nutrição, calcado em rigorosidade científica, fruto de sua vasta experiência. Publicou "Metabologia Clínica" e um "Tratado sobre Diabetes". Deixou contribuição valiosa e original na hematologia (mal de Banti, e hemofilia), na patologia hepática, em múltiplos desvios do conhecimento científico. Médico e mestre, na mais alta acepção do termo, Aloisio de Castro disse que a multidão que o saudou no funeral era a voz de Brasil inteiro, deplorando a perda de um dos seus grandes valores da ciência. Foi, em nosso meio, o primeiro a se interessar pelo estudo da influência das flutuações barométricas sobre a doença, principalmente nas cardiopatias e ainda nas enxurtecas, sobrevindas durante os ventos noroestes.

Em São Remo, Liguria, velha Itália, em Congresso que, com o mestre Pacheco e Silva, honra e orgulho, representávamos o Brasil, pudemos acrescentar a tese do douto Cheribini, de Siena, o pensar pioneiro de Annes Dias no que concerne às variações de humor e temperamento, nos dias de intensas alterações de pressões barométricas, ventos e tornados, marés e mutações meteorológicas nas distonias, sempre a scripselarem os homens no meio ambiental modificado.

Era o relembrar, no Exterior, das lições por nós aprendidas em livros que o ínclito Heitor Annes Dias oferecera a meu saudoso progenitor, ligações sempiternas de amizade, que o simples orador desta síntese emocional sedimentara e em hora alta pudera exaltar, em Congresso de doutos luminares do velho continente, a presença eloquente do professor, filho de Cruz Alta.

Abarcou trabalhos, ensaios, teses de todos os variados ramos da Medicina, da Toxicologia, Medicina Legal, bem como capítulos da Endocrinologia, micologia, asma cardíaca, actiose, litíase renal, espondilites, meu Deus, incensuráveis tesouros da Patologia que tão sabidamente transmitia.

Parlamentar de alto coturno, orações escorretas, castiças, a estudar sempre e sempre problemas sociais, do



Nagib Fares Michalany

ensino e higiene, homem puro e de alto valor moral, "católico praticante, viveu com Cristo n'alma, pondo esperança augusta para além dos dias transitórios".

Na palavra comovida de seus biógrafos exemplares, Silva Lacaz e Almeida Prado, que souberam enaltecer-lo pois "ninguém no Brasil agitou temas novos, resolveu tanto a medicina interna, introduziu tantos processos analíticos de exames e vulgarizou tantas noções modernas de patogenia".

E ainda legou-nos este divino presente que é a presença benemérita e atuante de sua filha, Carmen Annes Dias Prudente, germe que fez a palma, com Antonio Prudente, do maior movimento assistencial, glória da Oncologia, pois ambos não de ficar alumando os tempos que hão de vir com as certezas da caridade desprendida, sucessores eméritos de São Lucas.

Solidariedade humana, norte também do inolvidável mestre que tivemos a ventura de conhecer em nossos dias da distante e radiosa juventude.

Ferreiras Motta. Filho de Manguinhos e do Instituto Pasteur de Paris, e da Escola de Santa Luzia, catedrático da Escola Superior de Agricultura e Medicina Veterinária, do Rio de Janeiro, membro da Missão Médica Militar enviada à França, quando da primeira conflagração mundial, a servir em Monpilhier, nos Laboratórios Buisson-Bertrand, da Faculdade de Medicina, como encarregado também do diagnóstico e pesquisas bacteriológicas do material enviado pelos hospitais de sangue.

Lente de Microbiologia e de Demartologia da Escola Hahnemanniana, grande micologista, grande sabaença nos setores da Medicina Tropical. Trabalhos variegados e de grande altitude nacional. Pérfido foliáceo, úlcera tropical, moléstia de Nicoles-Faivre, enterite hemorrágica dos bovinos e ovinos, carbúnculo hemático, parasitoses e infecções transmitidas pelos carrapatos, raiva e peste da manqueira, aftosa,

múltiplos, contribuições definitivas.

O Instituto que leva seu nome em Sergipe, sua vida com o único propósito de bem servir a coletividade, viverá em eterno, como disse René Lachette, bem como os tratados, mormente os de Micologia e patologia animal. Faculdades e cenáculos, a Agricultura, a Veterinária e a Arte de Hipócrates para sempre terão de registrar suas emulações e labores, varão de Plutarco da Pátria estremeçada.

Antônio Aleixo. Natural de Ouro Preto, a antiga Vila Rica de N. S. do Pilar de Albuquerque, lá junto à Tripuí, onde se deu o alarme pelo encontro d'ouro, mineração e surto das gerais, ciclo das Minas e da Civilização brasileira, emergiu esta excepcional figura de homem de cultura, de homem social.

Estudos no Caraça. Colégio dos Salesianos, em Cachoeira do Campo, Colégio Mineiro, em Ouro Preto, na escola primaz da Bahia, estruturadora de seu cerne, com términos na formatura no Rio de Janeiro com a tese "Perturbações cardiovasculares da anclostomiose", expressão de suas motivações por problemas médico-sociais das gentes carentes e desvalidas. Cargos de distinção, chefia do Serviço de Tuberculose e de Dermato-Sifilografia da Santa Casa; cátedra na Escola de Odontologia e Farmácia, comando de dispensário e tanto mais, mas principalmente o clínico da pobreza e dos necessitados, muito à maneira de Celestino Bourroul, com clínica imensa, senhor da medicina, nos moleres de Diogo de Faria, Miguel Couto e Menotti Sarnati.

Fundador da Faculdade de Medicina e seu diretor, pregoeiro das lutas contra a lepra, em Minas Gerais, pertenceu, como elemento primordial, a todas associações da ciência mineira. Levou ao Espírito Santo sua bandeira, orientação no soerguer do leprosoário de Itanhenga, qual novo padre Bento.

Vereador, presidente da Câmara Municipal de Belo Horizonte, sócio fundador da

Sociedade Mineira de Agricultura, batalhou pela higienização do homem do campo.

Paladino na luta contra a hanseníase, deu seguimento à expressão maior de Miguel Couto: "se a medicina não está toda na bondade, menos vale sem ela."

Eduardo Rodrigues de Moraes, de Salvador, Bahia, filho de condores, onde diplomou-se na escola do Terreiro de Jesus, obra de Picanço, barão de Goiana.

Romeiro da Oftalmologia e da Otorrinolaringologia em nosso meio com o grande Hilário de Gouveia. Somava os ensinamentos de Paris, de Killian e de Galezowsky. Professor catedrático de otorrinolaringologia, na Bahia, cadeira criada pela reforma Rivadávia, São Paulo ficou a dever-lhe as figuras excelas de Pedro Cerqueira Falcão, competente e fidalgo, nosso querido irmão-amigo, e de Mangabeira Albernaz que bem soube registrá-lo: legítimo pioneiro da especialidade, mestre autêntico cheio de vocação para o magistério, preparou para o exercício da profissão e para a carreira docente numerosos especialistas. Professor nato, de palavra fácil e fluente, linguagem clara e pura, com terminologia exata e rigorosa. As operações mais importantes da especialidade ele as levou a efeito em nossa terra. Registrou-se para sempre o síndrome de Eduardo de Moraes, justa perpetuidade de um nome diferenciado e de labor continuado e ininterrupto.

Com João Marinho, no Rio, Lindenbergh, na Paulista, Eduardo de Moraes pertenceu à triade criadora de soberanas escolas brasileiras. O professor Mangabeira Albernaz recordou as palavras de Vieira, ao escrever sobre o perfil de respeito e sagacidade: "o semeador e o pregador, é nome; o que semeia, e o que prega, é ação, e as ações são as que dão o ser ao pregador. Ter nome de pregador ou ser pregador de nome, não importa nada; as ações, a vida, o exemplo, as obras, são as que convertem o mundo." E Eduardo de Moraes foi semeador construtor emérito de uma escola.

Joaquim Martagão Gesteira. Exponencial pediatra baiano. Mestre na terra de Rui Barbosa e na Faculdade Nacional de Medicina, organizador do Instituto de Puericultura, o Departamento Nacional da Criança e a Liga Bahiana. Vida meritória, apostolado pela causa da criança, destemeroso, profligou sempre a ausência de planos maiores a fim de se evitar a calamidade dos números de mortalidade infantil.

Professor, administrador, clínico, pediatra destacado, operoso, orador, ardoroso na defesa de suas convicções, com cerca de duzentos trabalhos, pediatra e puericultor. Vida digna de ser vivida, intencionalmente dedicada à infância brasileira: "Secou o pranto em muitos olhos, trouxe esperança a muitos desesperados e Deus estava em cada um dos que choravam e em

Medicina pátria

cada um dos que desesperavam." Amou a infância, serviu à Pátria e a Deus.

Ethecios Alcântara Gomes. Rápida e fugaz passagem na Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, nos seus dias iniciais. Cefaleia e gripe espanhola em novembro de 1918. Cantidido de Moura Campos recordou-o: "Magro e de estatura alta, barba negra no rosto anguloso, imagem de Bom Jesus de Iguape ou de Pirapora, assim apelidados pelos estudantes. Espírito de investigador, inteligência atilada, aguda observação, fora discípulo querido de Miguel Couto. O grande, imenso Couto, visitou São Paulo, a convite da Sociedade de Medicina e Cirurgia, "novo foco de irradiação científica", segundo suas palavras, ao inaugurar a placa com o nome do saudoso Alcântara Gomes, nas salas de aulas de Fisiologia, um dia regidas pelo recente desaparecido, enaltecendo-o e recordando o brilhante autor do trabalho "tráqueobronco-fonose" que recebeu a denominação, homenagem de Prado Valadares, da Bahia, de escuta traqueal de Ethecios Gomes. Inseriu-se para sempre na crônica grandiloquente das jornadas primeiras da Casa de Arnaldo.

Magis Fares Michalany. Em 1911 aqui aportava um médico, culto e diligente, verdadeiro escultor das sete partidas, das sete partes do mundo, embebido de ciência e medicina, das escolas anglo-americanas, pleno das virtudes e senhor das técnicas, até então insuspeitadas de Murphy, Mayo e Keen.

Trazia consigo a sabedoria da Universidade Americana de Beltruth, o diploma da Escola Médica de Istambul, então matriz do Império Otomano e os aperfeiçoamentos cirúrgicos de Londres, prodigalizados pelos cursos em três longos anos de labores, no tradicional Hospital de São Bartolomeu.

Inspeitor sanitário do Governo Anglo-Egípcio em Cartum, no Sudão, nos tórridos desertos, em ermos distantes ou hospitais de campanhas, atendia com a mesma solicitude e desvelos oficiais ingleses e do Egito, soldados da África, e milicianos sudaneses.

Presença espetáculos tristes e cruentos, como aqueles da morte subitânea de seu enfermeiro picado por um escorpião de venenos fatais.

Membro de destacada família de intelectuais, respeitado pelas mais altas autoridades de Sua Majestade Britânica, convive com ilustres personagens e, entre elas, a preponderar, com Winston Churchill. Trazia no alforje experiência e lidas sem limites. Pioneiro das excelências médico-cirúrgicas dos anglos, antecipou-se mesmo aos idênticos modernismos das escolas de Montenegro Alexandrino Pedroso, e Ernesto de Souza Campos. Na antiga Corte, na Escola de Santa Luzia, revalida o seu diploma, passando nas disciplinas todas, com incomum brilho.



Heitor Annes Dias

tismo. Em São Paulo jornada por Ribeirão Bonito, funda nosocômio, clínica e vem em definitivo estruturar sua oficina de trabalho, o consultório, na Paulicéia, onde atende enquanto dura sua vida numerosa clientela, com andanças pelos hospitais de elite, Instituto Paulista, Casa de Saúde Santa Rita, mas principalmente no Sanatório Santa Catarina, assistente do grande Walter Seng, a esplendor sempre com talento e pertinência. Integrando-se para sempre em nosso solo com raízes profundas, o douto escultor Magis Fares Michalany, legou-nos nome e obra de valia e digníssima família com vergentões de alto jaez, nas exemplificações dos filhos Jorge, médico, cientista e professor universitário, e de Douglas Michalany, historiador, um caríssimo confrade, gema perfeita de nosso escríptio afetivo.

Magarê Roquete Pinto. O perfeito, exato retrato de Roquete, foi levantado por Alvaro Lins em sua posse na Academia Brasileira de Letras. Lá ficaram registrados, de forma escorreita, o estilo literário e o científico, o enciclopedismo, o educador popular, o antropólogo, o propagador do cinema educativo, os labores no Museu Nacional, o cronista, o historiador, o acadêmico, as facetas todas da personalidade e da obra polifacetada do imortal Roquete Pinto. Criador do cinema educativo, em nossa distante mocidade com ele convivemos e pudemos receber os influxos determinantes na criação do Departamento do Cinema Educativo no nosso eterno Centro Acadêmico Osvaldo Cruz, que tivemos a glória de presidir nos idos de 1946, nesta eterna Casa de Arnaldo Vieira de Carvalho.

"Seixos rolados", "Sambambala", "Ensaíolos brasileiros", "Elementos de Mineralogia", "Rondônia" são todos expressivos deste invul-

gar vulto, sábio e cientista, grande lidador, sempre e sempre amando, tentando cultivar e conhecedor dos segredos da natureza brasileira. Educador de voo altíssimo, condoreiro, atingiu sendas jamais percorridas. Em setenta anos de existência encheu uma vida com os sempiternos labores ininterruptos, sonhar, pensar e executar em termos de realidade nacional. Carioca, cortou, atravessou, estudou, amou o Brasil nas mais diversas regiões, em todos os quadrantes e recantos, integrando-os numa comunhão intelectual, novo bandeirante animado de preocupações de ciência e cultura. Para aquilatar em bem verdade da grandiosidade desta vida, de novo Paul Rivet, de resurreto Geoffroy de Saint Hilaire, é necessário enfatizar as 204 páginas do incommensurável discurso de Alvaro Lins, obra-prima e antológica de ensaio, a nos dizer de um vulto ímpar, eleito pelos deuses para realizar, além de tudo, nova filosofia de ação inserida nas próprias palavras de Roquete à nação:

"Tenho dos últimos tempos da monarquia. Assisti aos cinco anos às primeiras festas da República. Penso que o país deve um grande serviço à minha geração, foi a que principiou a descer das "fabulosas riquezas" do Brasil, para começar a crer nas decisivas possibilidades do Trabalho. Havíamos recebido a noção de que um moço bem nascido e criado não devia trabalhar... Ouvimos ainda o eco dos mitos. Ouvimos também que nosso céu tem mais estrelas que os outros... Minha geração começou a contar as estrelas. E foi ver se era verdade que nos nossos bosques havia mais vida. E começou a falar claro aos concidadãos. Com a minha geração o Brasil começou a deixar apenas a ser tema de lirismo".

E o também imenso Roquete Pinto iniciou os estu-

dos realísticos da realidade nacional.

Ovidio Pires de Campos. Permitti eminentes mestres e amigos, digníssimas senhoras e senhores, que por fim faça minha rememoração contrita, envolva em profunda saudade, de outros tempos, outros dias, lembranças de uma veneranda e magnífica Faculdade de Medicina, em que puderam assistir os de minha geração aos momentos, talvez os derradeiros de uma elite de mestres que marcou um panorama inesquecível. Em sucessão à escola da rua Brigadeiro Tobias, já nesta colina do Araçá, e partir de 16 de março de 1931, inseria-se um pensamento oriundo do labor e meditação, em ininterruptas gerações que vão realizar gesta alvissareira, enorme messe de valores, gênese oriunda de Arnaldo e de seus companheiros dos dias iniciais, certezas e afirmações do ideal primeiro.

Os anos 40 assistem o refulgir de marcantes figuras, integradas numa doutrina: Amar a medicina e São Paulo acima de todas as cousas, mote e dístico de jornada ímpar em dedicações sempre repetidas, renúncias até o sacrifício total. Dias de máximo fastígio, ápice de trajetória sem igual.

Dias de Almeida Prado, Raul Briquet, Cantidido, Pacheco e Silva, Celestino Bourroul, Favero, Arnaldo Amado Ferreira, Nicolau Moraes Barros e tantos mais incluso Ovidio Pires de Campos, ilustre mestre cujo lema era: "todo o doente deve ter a sensação de que, fora da sua saúde, nada mais interessa ao médico".

O carvalho tombara com fragor. Com o doloroso sentido prematuro e inesperado falecimento de Arnaldo, o governo confiou a Ovidio Pires de Campos a direção da Faculdade onde já vinha ocupando a vice-diretoria.

Ayres Netto prestou seu depoimento sobre essa figura de paulista de velha cepa, expulso da terra dadivosa, que no ciclo do café viu florescer homens de alto quilate, índices inconstantes de uma aristocracia rural bandeirante forjada no desbravamento:

"Vi-o surgir no começo de sua carreira em São Paulo, vi-o desaparecer neste mesmo cenário. Conheci-o casualmente na Santa Casa, justamente no mesmo lugar em que nos falamos pela última vez! No primeiro encontro regressava da Europa, onde fora aperfeiçoar seus estudos e onde conhecera Arnaldo Vieira de Carvalho, que convalescia de grave enfermidade que adquirira no exercício cirúrgico. Ovidio ainda não imaginava as reservas de energia e capacidade que se aninhavam nele.

"Ambicionava, apenas, no momento, um modesto emprego que lhe facilitasse o exercício de clínica. Como se tivesse eu o presentimento do homem que defrontava desaconselhei-o desse propósito e o destino assim o quis. Ficou na Santa Casa, iniciando

do seu tirocinio hospitalar na segunda enfermaria de homens, então dirigida pela competência de Rubião Meira, que ensaiava, em cursos livres, os primeiros vócos no ensino médico entre nós. Com o decorrer nos tempos foi firmando conceito de médico abalizado e as suas qualidades pessoais despertaram, desde logo, a atenção de Arnaldo, vigilante prescrutador dos valores, e que pouco adiante, iria aproveitá-lo na formação da Faculdade. O contato com o diretor clínico da Santa Casa, pólo magnético para onde emergiam todas as energias moças e desejosas de progredir depressa, se transformou em consideração e amizade estreita e daí, quando da fundação da escola, a sua escolha para professor substituto de Fisiologia, e logo após, o acesso à cátedra, titular, com a volta inesperada para a Europa, do professor Lambert, de Nancy, que apenas dera os primeiros cursos.

"Transferido mais tarde para uma das cadeiras de Clínica, já se focalizava Ovidio como centro de uma pléiade de ardorosos moços, que se tornariam, com ele, o núcleo inicial de notáveis professores, ocupantes, progressivamente, de postos de relevo no ensino médico, tais como Almeida Prado, Cantidido Moura Campos, Paula Santos e os pranteados Garcia Braga, Ayrosa Galvão e Ethecios Alcântara Gomes, que o substituiu na cátedra de Fisiologia e que foi colhido na pandemia gripal de 1918."

Guiando às novas funções, correspondeu a contento a tudo que se esperava dele. Formou novos discípulos que alcançaram cátedras após difíceis e brilhantes concursos. Ernesto de Souza Campos, Flaminio Favero, Franklin de Moura Campos e na clínica os irmãos Urbano e Tactio Silveira, Menotti Saldatti, foram tantos flores dessa guirlanda que realizou os anelos de nosso fundador.

Por quatro decênios Ovidio deu o melhor de si em prol da Santa Casa, de sua cadeira e da Casa de Arnaldo.

Ovidio era natural de Taubaté, filho do coronel Bento Pires de Campos, e descendente de Antônio Pires de Campos. Todos pertenciam a esse tipo, dominador e forte, de homens que punham acima de todas as conveniências e interesses o respeito pela ordem e pela palavra dada. Vinha da progênia do grande sertanista Manoel de Campos Bicudo, que no dizer de Pedro Taques era "na praça Adonis e no sertão Marte", e "aquele" do bárbaro gentio calapó que festejava a estrada toda das Minas dos Golasses". Nascido em Itu e afazendado em Itatiba, segundo a tradição, foi grande devastador dos sertões de Cuiabá. E em "redução de amigável paz" aldeou muitos índios na sua grande fazenda ribeirinha de Rio das Pedras, afluente do Paranabalba, no atual Triângulo Mineiro. Dos seus bororós fez um tropo de excelentes arcabuzeiros com os quais bateu os caiaçós a quem causou enor-

mes perdas. Ferido gravemente numa dessas pugnas veio a morrer das consequências deste ferimento. Antônio Pires de Campos foi cognominado "o Pai Pirá".

Logo após seus estudos de humanidades rumou Ovidio para a Bahia onde iniciou o curso de medicina, terminando no Rio em 1905. Na cidade de Salvador foi colega de Celestino Bourroul, Zeferino do Amaral, Rauldolfo Margarido e Enjolas Vampré.

Galgou a 2.ª cadeira de Clínica Médica, em 1916, e nela permaneceu até sua aposentadoria, em 1948. O mestre Ovidio inscreveu seu nome na Casa de Arnaldo como filho espiritual da medicina francesa. Adepto dos conceitos de Disulphur e Alajouline, da velha Salpêtrière, ao lado de seu tirocinio clínico, era senhor das letras, que cultivava com carinho e elegância. As suas aulas caracterizavam-se pelo purismo das formas e valia do fundo.

A 3 de julho de 1950, aos 66 anos de idade, pois nasceu em 8 de maio de 1884, Ovidio entrou na eternidade. Seu nome permaneceu como um nome primário nos cursos de medicina, com seus estudos primários, com miss Brownne, a esplêndida educadora que aqui se nidificou, e os preparatórios, no Curso Anexo da Faculdade de Direito, de São Francisco.

No casarão familiar do largo da Memória, o menino passou a infância e juventude, entre os livros, ouvindo o bulício da cidade que crescia. O tempo correu. São Paulo, pacata e provinciana, ainda nostálgica e saudososa dos momentos d'antanho, transformou-se em colômbica urbe.

Cresceu e expandiu-se. E com ela, assistiu-se o nascer e o viver da Escola de Medicina e Cirurgia. Fora concebida e realizada por uma raça formidanda. Ovidio Pires de Campos, Arnaldo e seus companheiros eram dos mais vigorosos exemplares dessa decantada gente.

Afiná, unidos pelo mesmo sonho e mesmo ideal, foram companheiros e amigos exemplares. José Toledo Mello lembra com saudade:

Os soliloquios de Ovidio com Arnaldo, o impenetrável e personalíssimo Arnaldo, que só Ovidio compreendia e adivinhava. Naqueles instantes, junto daquela mesa de café, servendo quela frios de escura bebida de que o grande amigo, sistematicamente, não se servia, resolviam Ovidio e Arnaldo os destinos da Faculdade, apainando óbices e dificuldades, cimentando os seus alicerces, preparando-lhe a ascensão e construindo a sua glória atual."

Bendito o germe que faz a palma... as sementes de seus sonhos espoucaram em fartas colheitas...

* Palestra proferida na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, em 1984, no Museu da Casa de Arnaldo.

Tu e Eu

Carlos Roberto Hojaij

Compreendo agora
A razão de "nós dois":
idealizo
Eu sou o ideal que necessitas.

Tu és a existência
Eu sou a essência.
Tu és toda vida num tempo
Eu busco a vida pelo tempo.

Tu és a vida
Eu sou os valores da vida.
Tu és o ideal no presente
Eu sou a procura do ideal.

Tu és o tronco da árvore
Que se lança ao céu.
Eu sou as raízes
Que buscam as profundezas.
Tu és a leveza de um momento
Eu sou a gravidade do duradouro.

Tu és a folha que passa
Eu sou a árvore que fica.
Tu és a liberdade num instante
Eu procuro, no instante, a liberdade.

Tu és a água que corre
Eu sou o leito que te abriga.
Tu vives no momento finito
Eu vivo a busca do infinito.

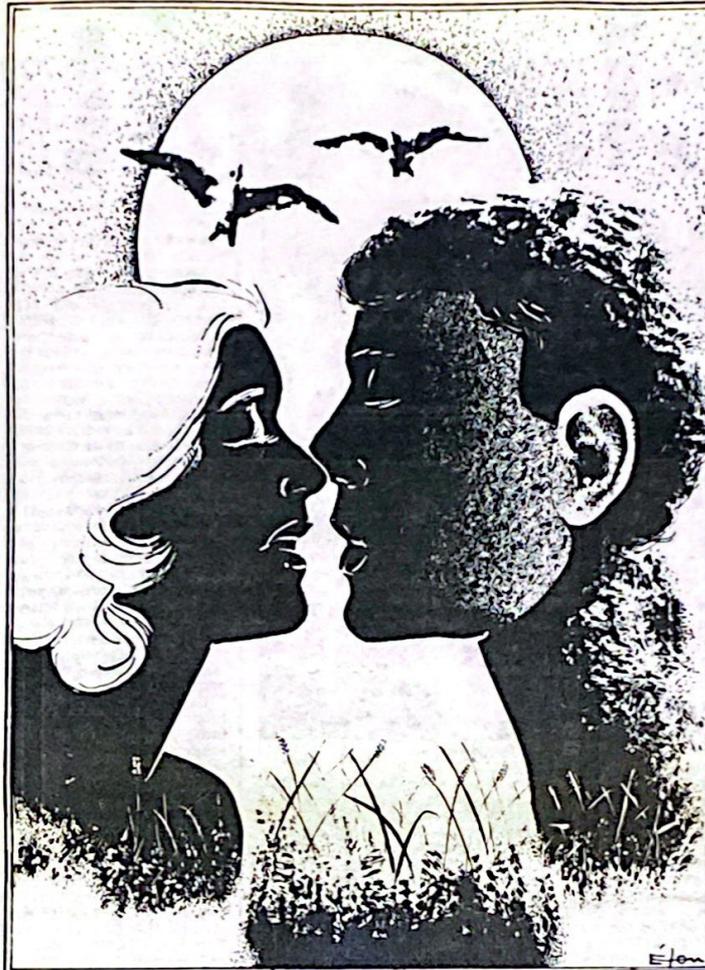
Tu és a poeira que voa
Eu sou o pó que se sente.
Tu és eterna neste instante
Eu procuro o eterno todo o tempo.

Tu és a flor toda rosa
Eu sou o eterno botão.
Tu és o que sentes
Eu sou o que devo.

Tu és a lua multiforme
Eu sou o sol sempre sol.
Tu me amas agora
Eu te amo para sempre.

Tu és o caminho que anda
Eu sou o caminho que busco.

Tu és a liberdade que



Aqui e Ali

Carlos Roberto Hojaij

Por acaso nos conhecemos
Por coincidência nos encontramos.

Por acaso nos amamos
Por coincidência nos amando.

Por acaso nós vivemos
Por coincidência nos desencontrando.

Por acaso nos entregamos
Por coincidência nos separando.

Por acaso nos reencontramos
Por coincidência nos alegrando.

Por acaso nos encontramos
Por coincidência nos desencontrando.

Por acaso nós brigamos
Por coincidência nos amando.

Por acaso nós vivemos
Por coincidência nos cruzando.

Por acaso a coincidência
De nos amarmos ao acaso,
Não merece coincirmos,
Em tempo, o nosso caso?

Penteando as idéias

Wilson Luiz Sanvito

Reflexologia Política

Os políticos do governo são como os cães de Pavlov: quando toca a campainha começam a obedecer.

Poesia Versus Tecnologia

No mundo da técnica triunfante os poetas seriam afásicos irrecuperáveis segundo o filósofo Gusdorf. Predomina a linguagem da informática.

Superconsumo Psiquiátrico

O indivíduo do mundo moderno é um consumidor de psicoterapias.

A-utopia-nossa-de-cada-dia

A utopia é uma espécie de pão cotidiano, de sonho-acordado, que to-

do ser humano tem necessidade de acalantar para suportar o mundo e suas misérias.

O homem e seus paradoxos

O homem é um gigante do ponto de vista intelectual e um pigmeu do ponto de vista emocional.

Psicodrama em família

Uma ocasião ouvi de um pai o seguinte desabafo: "Os filhos quando são pequenos nos adoram, quando são jovens nos odeiam e quando são maduros nos toleram". Esta frase de efeito choca e encerra um pouco de verdade. Efetivamente, para as crianças nós representamos o pai-herói. Na adolescência, há um questionamento da autoridade materno-paterna. Na meia-idade, há uma certa condes-

condência e respeito pelos pais. Diz Peter: "A meia-idade começa quando se deixa de reprimir a geração dos pais para reprimir a geração dos filhos."

Mundo cognitivo/sensorial

O mundo é absurdo para quem pensa e trágico para quem sente.

Longevidade

Os budistas mencionam a velhice como uma das quatro grandes aflições da vida humana: o nascimento, a velhice, a doença e a morte. Paradoxalmente, todo mundo quer viver muito, mas ninguém quer ser velho. A velhice, segundo Cioran, é uma espécie de punição por se ter vivido. Desgraçadamente, ainda não se descobriu a mágica de viver muito sem envelhecer. Em compensação,

Groucho Marx tinha uma fórmula infalível para atingir a longevidade: "Ficar velho é muito fácil, é só viver o suficiente para chegar lá."

Universidade da vida

Certos analfabetos sabem ler pessoas e o mundo melhor do que muitos letrados.

Pesquisa anedótica

Era uma anedota que se contava nos meios médicos. Um fisiologista condiciona uma rã a saltar sempre que ele bate palmas. Sentindo a rã suficientemente treinada, começa a experiência propriamente dita. O fisiologista corta uma pata da rã e bate palmas — a rã, com dificuldade, salta. O fisiologista corta a segunda pata e bate palmas — a rã, com grande dificul-

dade, salta. O fisiologista corta a terceira pata e bate palmas — a desafortunada rã esboça um salto. Finalmente o fisiologista corta a quarta pata e bate palmas — a rã permanece absolutamente imóvel. Conclusão da pesquisa: quando as quatro patas são cortadas, a rã deixa de ouvir.

Imagem versus reflexão
Uma imagem vale mais do que mil palavras, diz um provérbio chinês.

Em compensação, o olho que lê reflete mais do que o olho que vê.

Tarefa transcendental
O filósofo tenta decodificar o mundo.

Manipulação
O homem é aquilo em que fazem ele crer. Mas eu prefiro ficar com Sartre, quando ele diz que o importante não é o que fazem do homem, mas sim o que ele faz do que fizeram dele. Amém.

DEPARTAMENTO CULTURAL

Carlos Alberto Salvatore - presidente

Anneliese R.F. Thon
Carlos Kleber Canova } Tertúlia

Cássio Ravaglia - Divulgação
Guido Arturo Palomba - Biblioteca e Suplemento Cultural
Heber Maia de Mattos - Música

Nélson Pedral Sampaio
Wanda Gonda } Pinacoteca